

A AMAZÔNIA DESVENDADA

Reunidas em livro, chegam ao mercado as imagens obtidas pelo Landsat 5 mostra

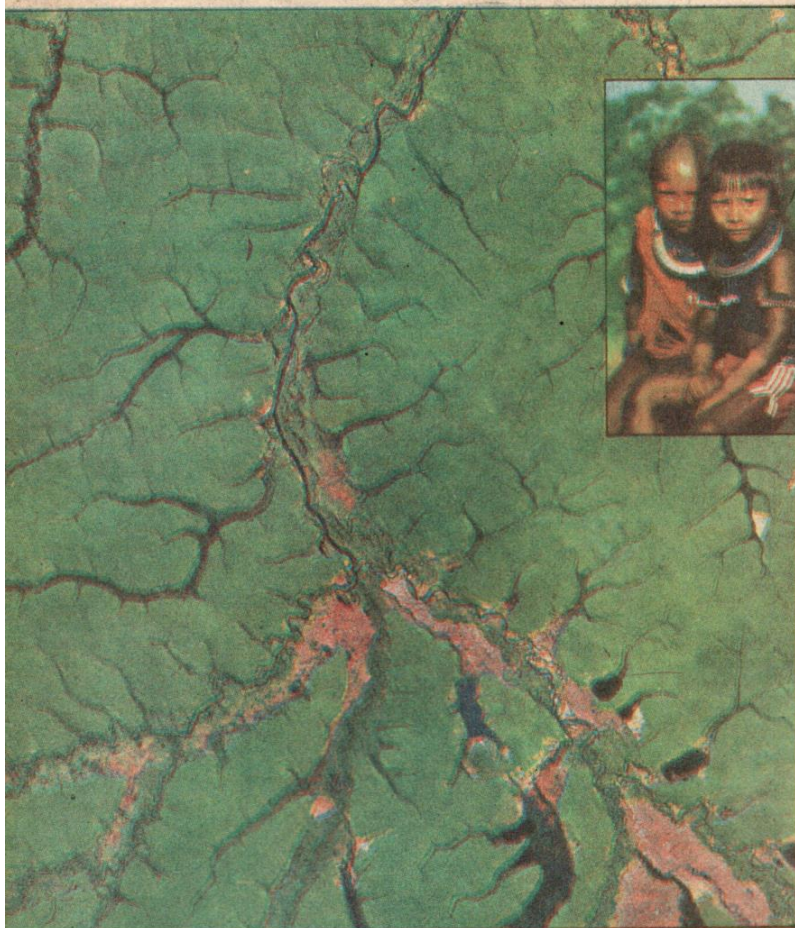


A exploração sistemática de madeira, sem replantio, muda o padrão de cores da mata. É o que se vê às margens dos lagos Manaquiri e Janauacá, ao sul de Manaus. A alteração das matas resulta num verde mais claro, e as pequenas clareiras de desbaste em pontos rosa. As trilhas abertas na mata para retirada dos troncos abrem caminho para incêndios.



ADA POR UM SATÉLITE

do o que está acontecendo na última grande região selvagem do planeta.



No centro da foto corre o rio Xingu cercado de praias (em branco). Aqui fica parte do Parque Indígena do Xingu, com as diferentes aldeias que mal se percebem na área preservada. Os rios mais largos, de um azul quase preto, são rios de várzea. Mais abaixo, em rosa escuro, ficam os campos de várzeas, de vegetação rala o escassa.

De seu posto de observação privilegiado — a órbita terrestre, a 710 quilômetros de altitude — o satélite Landstat 5 registra e transmite tudo o que está acontecendo no solo brasileiro. Aqui, o Inpe — Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais — recebe e grava os sinais do satélite e oferece as gravações para 25 laboratórios de sensoriamento remoto de órgãos do governo e universidades do País. Com essa conquista tecnológica — as fotos do satélite, interpretadas — não há nenhuma razão para que o Brasil não faça, agora, o que nunca fez antes: promover a ocupação racional de seu solo, com o mínimo possível de impacto ambiental. É e isto que a jornalista Liana John, repórter especial de ambiente da

Agência Estado, busca demonstrar com seu livro **Olhos de Satélite**, publicado pelo Inpe com apoio do Banco Real, e que será lançado pelo Itamaraty, no dia 31.

A proposta formal do livro é simplesmente mostrar como o satélite age. “O Inpe resolveu publicar o livro em vista da dificuldade de mostrar para o público leigo o que o satélite é”, diz Liana. “O que ele pode ver, como ajuda na fiscalização, no planejamento da parte ambiental, etc...” Uma parte da culpa pela desinformação

jorn

dos leigos, a autora atribui à imprensa. "que nos últimos anos fez crescer a fama do satélite, e nem sempre ofereceu informações corretas sobre o seu funcionamento". Mas foi um método de clareza jornalística que Liana John escolheu na edição das fotos — de grande beleza plástica, mas interesse estritamente científico — do Landsat 5. Ao lado de cada foto do satélite, encontra-se a foto de um detalhe do que o satélite registrou, "como se fosse um zoom.

Na verdade — como explica o livro — as fotos mandadas pelo satélite são em preto e branco. "Como qualquer satélite de sensoriamento remoto, o Landsat 5 grava a luz (energia) refletida pela superfície terrestre. As nuances de tonalidade desta luz refletida são registradas como diferentes níveis de cinza. Através de programas especiais de computador, os diferentes tons de cinza podem ser coloridos, de forma que evidenciem os objetos de estudo: são as imagens de falsa cor."

Mas há também detalhes de forma: os cerrados têm forma naturalmente irregular, enquanto as áreas abertas pelos homens, como fazendas, têm sempre forma poligonal. "É ponderando todas essas diferenças, e com ajuda de cálculos e programas especiais de computadores, que tais imagens são interpretadas por especialistas. E, devidamente interpretadas, contribuem para o monitoramento das transformações ambientais, atividades agrícolas, mineração e planejamento governamental."

E até para evitar conflitos sociais: "No Acre, as fotos do satélite podem orientar a abertura de uma estrada que servirá a fazendas, passando seu traçado longe das áreas de seringais", diz Liana.

nal da tarde